

Miguel Castro Caldas

**O Homem do Pé Direito**

---

**O Homem da Picareta**

LIVRINHOS DE TEATRO

MIGUEL CASTRO CALDAS nasceu em Lisboa em 1972.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Escreveu as obras de ficção *Queres Crescer e Depois Não Cabes na Banheira* (2002) e *As Sete Ilhas de Lisboa* (2004) editadas pela Ambar.

Para teatro escreveu para a companhia Primeiros Sintomas: *A Montanha Também Quem*, *O Homem do Pé Direito*, *O Homem da Picareta*, *Conto de Natal — Variações de Dickens*, ambas em 2004, *Nunca-Terra em vez de Peter Pan* (editado pelos Primeiros Sintomas) e *É Bom Boiar na Banheira*.

Nos Artistas Unidos, em 2005, participou na escrita de *Conferência de Imprensa e Outras Aldrabices* — número especial editado nesta colecção — e na versão portuguesa de *A Fábrica de Nada* de Judith Herzberg — texto editado no livrinho nº 13.



05.12.2014

© JORGE GONÇALVES



MIGUEL CASTRO CALDAS

O Homem do Pé Direito

O Homem da Picareta

Miguel Castro Caldas  
16-12-05.

ARTISTAS UNIDOS  
LIVROS COTOVIA

TÍTULO:  
*O Homem do Pé Direito / O Homem da Picareta*

AUTOR:  
Miguel Castro Caldas

FOTOGRAFIA:  
Jorge Gonçalves

© 2005, Miguel Castro Caldas  
© desta edição: Artistas Unidos / Livros Cotovia,  
Novembro de 2005

APOIO:



Instituto das Artes



Instituto Português do  
Livro e das Bibliotecas

Esta edição é patrocinada pelo  
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

ARTISTAS UNIDOS  
R. de Campo de Ourique, 120  
1250-062 Lisboa  
[www.artistasunidos.pt](http://www.artistasunidos.pt)  
[artistasunidos@artistasunidos.pt](mailto:artistasunidos@artistasunidos.pt)

LIVROS COTOVIA  
Rua Nova da Trindade, 24  
1200-303 Lisboa  
[www.livroscotovia.pt](http://www.livroscotovia.pt)  
[livroscotovia@mail.telepac.pt](mailto:livroscotovia@mail.telepac.pt)

O HOMEM DA PICARETA



## ESTUDO DE CASO



O *Homem da Picareta* estreou a 1 de Setembro de 2004 no espaço *Karnart*, com encenação de Bruno Bravo, interpretações de Ana Brandão, Bruno Bravo, Peter Michael e Raquel Dias, som de Edgar Feldman. Uma produção Primeiros Sintomas.

PERSONAGENS:

2 ANÕES CORCUNDAS  
ROMENA/CANALIZADOR  
HOMEM  
MULHER  
ZÉ

NOTA DO AUTOR:

Algumas falas de Romena/Canalizador são citações d'O *Poema Sobre a Desgraça de Lisboa* de Voltaire e algumas falas do homem da picaresca são citações de ensaios de Kant sobre o terramoto de Lisboa de 1755.

O papel de Romena/Canalizador deve ser feito por uma actriz, que deve assumir sempre a pele do canalizador, mesmo quando diz texto de romena.

## PRIMEIRA PEÇA

DOIS ANÕES CORCUNDAS (*que podem ser altos e direitos*)

*No meio dos escombros.*

— Pode, talvez, tornar-se necessário informar-vos

— previamente

— de que a cidade de Lisboa,

— situada na margem norte do rio Tejo,

— a cerca de seis milhas do mar,

— já não existe.

— Dança-se em Paris.

— Hoje vivemos num sítio cada vez mais cheio de ranho,

— o ranho dos ovos estrelados e também dos constipados.

— Hoje não tenho abrigo.

— Você é o quê?

— Um sem-abrigo, tinha decidido atirar-me ao chão, mas creio que não o fiz, uma vez que me senti imediatamente a cair,

— e quando dei por mim

— tinha a boca cheia de qualquer coisa.

— Ah, um sem-abrigo. Mas também, agora, quase toda a gente vive na rua, não é?

— Na rua?

— Não, eu não vivo na rua, eu vivo na avenida.

— Uma sociedade comunicativa

— (eu queria),

— não uma sociedade ranhosa como esta hoje,

— constipada,  
— ovo estrelado,  
— mal tapado  
— e então,  
— não sei quanto tempo depois, mas como que a acordar  
de um sonho com ideias confusas,  
— percebi que tinha a boca cheia de qualquer coisa,  
— que tentei tirar com a mão esquerda mas não consegui,  
— com a esquerda não consegui,  
— e depois com a direita também não,  
— mas a violência do choque e a queda das casas,  
— juntas com os gritos das pessoas,  
— fizeram-me procurar abrigo outra vez no arco por onde  
tinha entrado,  
— e as janelas estavam abertas e portanto a fachada do pré-  
dio que caiu sobre mim não me esmagou  
— porque eu estava no sítio do quadrado de uma janela,  
— do quadrado de uma janela,  
— que por acaso estava aberta,  
— estava aberta,  
— como num filme, acho, do Buster Keaton,  
— do Buster Keaton,  
— foi o que me valeu,  
— se não  
— tinha apanhado com as portadas na castanhola.  
— E podíamos talvez levar uma vida tranquila  
— se não tivéssemos de levar às costas a corcunda desta  
coisa toda destruída,  
— a ver os nossos filhos a crescer,  
— a crescer,  
— a quererem uma vida nova,  
— uma sociedade melhor,  
— mais comunicativa,

— de avenida,  
— e nós anões,  
— de dentes podres a ouvir tudo,  
— a queremos conservar a casa  
— enquanto a desgraça não vem,  
— mas ela vem,  
— ela vinga,  
— vai vir e vingará,  
— e virou toda a gente do avesso  
— para o lado de «cá veio» a tremer a cave e as galerias as  
tais ocas por baixo da terra.  
— Você disse «cá veio»?  
— Não, caveira,  
— a caveira que nos segura a cara,  
— percebe?  
— Caveira e coveiro,  
— aquele que nos tapa,  
— em suma,  
— que nos encerra na nossa cave definitiva,  
— que nos encerra na nossa cave definitiva, temos de pro-  
curar o que permanece, não é assim?  
— as casas que não caíram,  
— as caras que partiram,  
— para ver do que ficou,  
— e daqui em diante termos cuidado com as fundações que  
usamos para o nosso nariz,  
— dizer ao coveiro: eu estou tão vivo como tu  
— e até mais, dizer, talvez:  
— vocês tão vivos como eu,  
— e até mais, talvez,  
— e por isso é que me podem ouvir.  
— Se o neto do neto do meu neto resolver dizer as pala-  
vras que eu em tempos disse,